

PERCORRENDO AS TRILHAS DE VÁRZEA GRANDE (MT) NA OBRA DE UBALDO MONTEIRO

Sônia Regina Romancini

(Professora Doutora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Integrante do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER. romanci@terra.com.br).

Gabriel de Miranda Soares Silva Graduando em Geografia, Bacharelado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Bolsista do programa PIBIC UFMT/CNPq.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre Várzea Grande encontram na obra de Ubaldo Monteiro importantes fontes de informações e reflexões sobre a dinâmica urbana e populacional da cidade que se tornaram obras clássicas para diferentes pesquisadores.

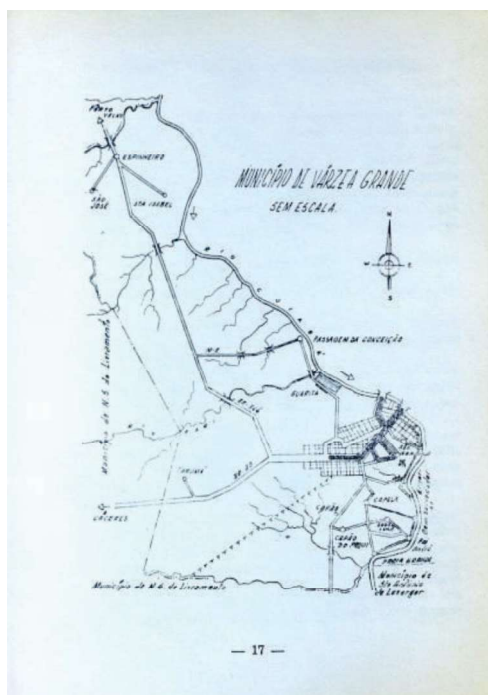
Com o objetivo de evidenciar o olhar de Ubaldo Monteiro sobre Várzea Grande, o presente artigo se pauta nas obras “No portal da Amazônia” (s/d.) e “Várzea Grande: Presente e passado e confrontos” (1988), trazendo a lume as singularidades observadas na cidade, que contribuem para a compreensão dos processos urbanos que ocorrem na contemporaneidade.

A obra “*No portal da Amazônia*” apresenta uma síntese da trajetória de Várzea Grande antes do século XX, quando Várzea Grande se apresentava como distrito de Cuiabá, já a obra “*Várzea Grande: passado e presente confrontos*” vem complementar e atualizar os dados da obra anterior. O autor aborda as características mais contemporâneas da cidade, ao mesmo tempo em que realiza um breve resumo das obras anteriores.

O escritor e Coronel Ubaldo Monteiro foi um dos pioneiros no estudo das características geográficas da cidade de Várzea Grande, fazendo uma representação cartográfica e discutindo temas como território, clima, relevo e hidrografia. Seus estudos abordam a formação da cidade de Várzea Grande, os problemas sociais no acesso ao solo urbano e a consolidação dos diferentes distritos que face à dinâmica territorial passaram a integrar o espaço urbano. Além dos textos produzidos para a

compreensão dos processos sociais e econômicos vivenciados por Várzea Grande, o autor também apresentava croquis que delineavam as áreas urbanas, os distritos, os municípios vizinhos, entre outros detalhes, conforme se observa na figura a seguir.

Figura 1: Município de Várzea Grande



Fonte: Monteiro (s/d., p. 17).

O tema aqui abordado foi pensado a partir das reflexões realizadas por meio do projeto de pesquisa “Práticas sociais cotidianas e espacialidades nas cidades da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá”, no qual o estudante Gabriel M. S. Silva analisa “A expansão horizontal da cidade de Várzea Grande (MT)”, como bolsista do programa de iniciação científica.

A CIDADE DE VÁRZEA GRANDE NO FINAL DO SÉCULO XIX

Levando em consideração as informações levantadas por Monteiro, na década de 1970 a cidade de Várzea Grande apresentava uma área de 682 Km², com as seguintes coordenadas geográficas: 15° 32' 30'' S e 50° 17' 18'' W.

Várzea Grande faz limites com outros quatro municípios: Cuiabá, Santo Antonio de Leverger, Nossa Senhora do Livramento e Acorizal.

Monteiro (1988, p. 17) informa que os índios Guanás ou Guanazes foram os primeiros habitantes do lugar, ocupando a margem direita do Rio Cuiabá: “Eram índios

pacíficos e hospitaleiros que viveram em contato com os brancos até meados do século XIX”.

A cidade de Várzea Grande foi fundada em 15 de maio de 1867, na margem esquerda do Rio Cuiabá, pelo presidente da província de Mato Grosso, Dr. José Vieira Couto Magalhães. No início servia como acampamento militar para os soldados que estavam no combate contra o país vizinho Paraguai. Com o fim da guerra se instalou o povoado que começava a se destacar no contexto regional.

Entre as décadas de 1870 e 1890, formou-se um pequeno povoado em torno da igreja de Nossa Senhora da Guia, ali se instalaram os primeiros moradores fixos desta localidade, que construíram moradias simples. Nesta época, cerca de dezoito famílias brasileiras, e outras quatro de origem paraguaia formavam a população deste pequeno povoado, podendo haver um acréscimo de alguns lavradores que residiam na Manga e na Guarita.

A igreja de Nossa Senhora da Guia, foi construída durante os anos de 1890 e 1892 com a ajuda da população que morava em Várzea Grande, os moradores da Guarita, Passagem da Conceição, Manga e do Porto. No ano de 1892 terminou a construção da igreja e foi marcada a primeira missa, porém a igreja não possuía alguns aparatos e, inclusive, um cálice de ouro, peça importante para uma celebração religiosa. Conta a história que Francisco de Figueiredo conhecido popularmente como “Chico Pedro”, possuía uma mineradora e doou o ouro necessário para a confecção dessas peças para a igreja.

Após a providência dos aparatos foi celebrada a primeira missa na cidade, pelo sacerdote Ferro que residia em Cuiabá. A administração da igreja foi entregue aos irmãos que ali moravam. Uma vez por mês era realizada uma celebração na capela de Nossa Senhora da Guia, por dois sacerdotes, Padre Ferro e Padre Santos, que realizavam, também, batizados e casamentos.

Várzea Grande possuía uma única igreja, a capela de Nossa Senhora da Guia, mas com o deslocar da população pela avenida Couto Magalhães, levou os católicos a construírem uma nova igreja que leva o nome de Nossa Senhora do Carmo, localizada no centro da cidade. Monteiro destaca que com o passar dos anos, a pequena igreja de Nossa Senhora da Guia iria ser demolida, mas isso não ocorreu devido à administração competente do padre Luiz Maria Glisoni, que auxiliou o povo a construir um novo templo religioso, do porte de uma catedral.

A filha do escritor Ubaldo Monteiro, professora Suíse Monteiro Leon Bordest, informou que a atuação de Monteiro foi fundamental para a preservação do patrimônio constituído pela igreja, o qual está preservado até os dias atuais, constituindo um referencial para a memória da cidade de Várzea Grande.

Para Monteiro, Várzea Grande foi influenciada pela religiosidade, assim formando seus centros de serviços a partir das igrejas católicas. O autor se refere a nomes que foram marcantes para a cidade, como o padre Luiz Maria Glisoni, e o bispo Dom Aquino Corrêa, considerados pelo autor como verdadeiros amigos do município e que contribuíram muito para o desenvolvimento da cidade.

Ao final do século XIX, novas famílias se mudaram para Várzea Grande, oriundas dos municípios vizinhos de Nossa Senhora do Livramento, Cuiabá e Santo Antônio de Leverger, além de imigrantes da Síria. Assim, foram se consolidando as primeiras famílias tradicionais da cidade, alguns nomes se destacam como a família de Antônio José da Silva que possuía vínculo com a família Baracat; Antônio Monteiro da Silva, conhecido popularmente como Totico, uma das famílias tradicionais que possuía residência na cidade de Nossa Senhora do Livramento e passava a morar em Várzea Grande. Destaca, ainda, a família Campos que se instalou em Várzea Grande na década de 1902, com seu patriarca Benedito Paulo de Campos.

Entre os moradores do início do século XX, Monteiro (s/d.) destaca o Sinhô Monteiro, alcunha de Benedito Monteiro da Silva, seu avô que veio de Nossa Senhora do Livramento, por volta de 1915, com numerosa prole e fixou residência na vila, ali permanecendo por cerca de dez anos, transferindo-se para Cuiabá com sua esposa, Dona Ana Rita Monteiro.

AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO ESPAÇO DE VÁRZEA GRANDE

Monteiro ressalta que a cidade e a população de Várzea Grande apresentavam um modo de vida simples e pacato, apesar da população ser pequena, sempre que havia alguma comemoração festiva, os jovens se juntavam e iam juntos festejar ao som do cururu e dançando o siriri, o rasqueado paraguaio e a dança do congo. Os trajes dos mais velhos eram os tradicionais palitos de saco e calças bocas de sino, os homens mais jovens usavam as calças mais apertadas e as moças preferiam as mini saias (provavelmente o autor se refere às décadas de 1960 e 1970)..

Monteiro (s/d., p. 100) expressa da seguinte forma o momento da festa e descontração:

A Várzea Grande Freguesia, a Várzea Grande Vila, foi de ouvir música de viola de cocho, do cururu ao pé do mastro de santo, do baile de sanfona e violão no chão batido, com toque do bombo no três por um, quando a cabocla, vestindo abaixo do joelho, rodopiava na apertada sala da choupana, com o vaqueiro pé-ligeiro que dançava de chapéu.

O autor relata que as festas sempre foram muito alegres na cidade, havia muito siriri, cururu e a dança de São Gonçalo, além das festas de congo com as congadas. As músicas sempre alegres, que levantavam a mocidade da cidade.

As danças que se destacavam entre as festas de santo eram as danças de siriri, cururu, dança de São Gonçalo e a dança do congo. A população da Colônia da União (atual bairro Cristo Rei) que migrou do município de Nossa Senhora do Livramento, deu início à dança do congo, que era conhecida como congo do Cristo Rei.

Para Monteiro, o siriri de roda é uma das mais bonitas danças que são apresentadas pela população de Várzea Grande, formando pares que estão sempre a rodar batendo as mãos, em movimentos circulares, as moças com longos vestidos de chitão estampados e os moços com camisetas estampadas, com chapéu com fitas de chitão, sempre dançando conforme o batuque e o canto do siriri.

A dança de São Gonçalo se assemelha ao siriri, porém os instrumentos utilizados são duas violas de cocho e dois ganzás. É montado um altar com a imagem de São Gonçalo e a dança acontece em frente ao altar, em devoção ao santo. Os trajes são semelhantes ao do siriri e também se dança em pares de meninos e meninas. A outra maneira de se realizar a dança de São Gonçalo é como reza cantada onde os cururueiros se colocam em frente ao altar de São Gonçalo e começavam a cantar a reza, porém este ritual só acontece nos dias de festas consagradas ao santo.

A dança do congo ou congada é uma dança dramática que se assemelha a uma peça de teatro, celebra uma luta entre dois potentados africanos, o Rei Coriongo e a Rainha Jinga (luta de cristãos e mouros), sendo comum nas festas de São Benedito.

O cururu também é uma dança regional comum em áreas rurais nos povoados antigos do estado de Mato Grosso, era comum nos arredores de Cuiabá, nas cidades de Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio de Leverger, Vila Bela, dentre outras. Essas danças citadas por Monteiro fazem parte da cultura de muitas cidades mais antigas do estado de Mato Grosso.

Sobre a alimentação da população, Monteiro informa que a mesma se dava à base do consumo de carne de sol, peixe e paçoca de carne seca assada, rapadura, o café

e o famoso guaraná ralado, que era comercializado em bastão e ralado em casa. No final do dia os mais velhos se punham à frente da “grosa” (espécie de ralo) e esfregavam o bastão de guaraná até se tornar pó, assim ouvindo o som de “ruque-ruque” da finalização deste processo.

A rede várzea-grandense, assim intitulada por Ubaldo Monteiro, tem origem a partir da confecção pelos escravos que não possuíam cama e sua única opção de descanso era a rede. Os teares eram operados pelas escravas que fabricavam o fio de algodão, que era colhido nas lavouras da região do Capão do Pequi.

Por volta da década de 1867, foram surgindo outras povoações no pequeno povoado de Capão do Pequi e assim novos teares foram sendo montados. As redes eram usadas na comunidade local, para o descanso noturno da população. Com o passar do tempo, os fios em que as redes eram confeccionadas passou a apresentar uma maior qualidade, no início eram fios de algodão que as próprias tecedeiras fabricavam, logo após surgiram as linhas industrializadas, que trouxeram à rede várzea-grandense uma estética mais requintada, “levando a rede da senzala, já melhorada, a ocupar as varandas palacianas e a alcova dos ricos” (MONTEIRO, s/d., p. 185).

A respeito da polêmica de se denominar a rede de cuiabana, Monteiro (sd, p. 185) esclarece que,

Por muito tempo a rede de Várzea Grande se chamou cuiabana e com razão, pois até 1948 Várzea Grande era terceiro distrito de Cuiabá, portanto parte integrante da Capital Mato-grossense, com a qual se irmana hoje, como um só corpo, por onde o rio Cuiabá passa como a grande artéria a beneficiar suas terras ribeirinhas, oriundas de um mesmo luto de uma mesma descoberta bandeirante, fadadas ao mesmo radioso destino que o futuro lhes reserva.

O autor salienta que esta rede gerou polêmica, pois os várzea-grandenses não gostavam de utilizar o termo “rede cuiabana” apesar de que Várzea Grande era um distrito de Cuiabá, mas as tecedeiras nunca deixavam sua identidade de lado. Monteiro coloca em sua obra um pequeno trecho da entrevista que realizou no povoado de Capão do Pequi com Dona Luísa Marques Fontes (que foi para Várzea Grande no final do século XIX) e sua filha Dona Margarida Marques Fontes, famosa por seu apelido “Margarida da rede boa”. Nesta época era comum a mãe passar os saberes adquiridos em toda a vida para os filhos e Dona Margarida tomou isto como herança da mãe Dona Luísa.

Em consonância com Monteiro (s/d.), Dona Margarida e seu irmão chamado Manoel da Nhá Luísa, quando questionados sobre o termo “rede cuiabana”, afirmam que “[...] não existe isso, e sim rede **várzea-grandense**, [grifo do autor] o município com a quase totalidade dos teares de Mato Grosso, que vende de encomenda a muitos estados do Brasil” (MONTEIRO, s/d., p. 185).

Ao longo da história, várias foram as autoridades políticas que passaram por Mato Grosso e se depararam com uma rede de Várzea Grande como, por exemplo, a visita do presidente Getúlio Vargas a Cuiabá, quando Dona Margarida teceu as duas redes lavradas, nas quais ele repousava nas noites de calor.

Sabe-se que esta rede também é confeccionada em várias localidades de Várzea Grande, porém as que se destacam são as do Capão do Pequi e Limpo Grande. No município de Nossa Senhora do Livramento também se fabricam estas redes, mas em pequena proporção se compararmos a Várzea Grande.

No tocante à população da cidade, Monteiro lembra que o modo de falar do várzea-grandense se assemelha muito ao modo de falar do cuiabano, já que ambos convivem cotidianamente. Com o passar dos anos as gerações mais atuais vêm modificado o seu modo de falar, mas os tradicionais ainda utilizam do modo pacato de se pronunciar o “chá, por Deus” e o “Tô assustando ocê, moço”. Monteiro ressalta que com a instalação das escolas nos povoados de Várzea Grande, as crianças passam a aprender como se pronuncia as palavras corretamente, deixando o linguajar popular para os mais velhos.

VILAS E POVOADOS EM VÁRZEA GRANDE

Até a década de 1970, Várzea Grande possuía cerca de 14 povoados que se formaram em sua maioria no século anterior, por meio do agrupamento de famílias em determinadas áreas, assim aparecendo os núcleos principais, como o do Capão do Pequi, que se integrou ao Capão Grande, a Fazendinha, que passou a pertencer à Passagem da Conceição, o Bom Sucesso e o de São Gonçalo, entre outros.

Nota-se que a cidade de Várzea Grande possui um grande vínculo com o rio Cuiabá, uma vez que a maioria de seus povoados estão às margens do rio. As comunidades ribeirinhas pioneiras que começam a formar a cidade, partem do rio para a área central da cidade, conforme ressalta Monteiro (1988, p. 122):

O que provocou o surgimento dos povoados nas áreas ribeirinhas em Várzea Grande foi a pesca, a facilidade que o rio Cuiabá concedia ao advena para a obtenção de alimento, de água e de locomoção em canoas [...] outro fator de atração do homem pela barranca do rio, formando núcleos, foi a navegação, pois até a década de trinta, as viagens da gente de então e a remessa das mercadorias eram feitas pelas lanchas [...] As usinas açucareiras, decorrentes dessa navegação, influíram parcialmente na formação dos povoados, uma vez que à lavoura ribeirinha, os homens acresciam o plantio da cana para venda aos usineiros [...] os habitantes dos núcleos das áreas ribeirinhas de Várzea Grande herdavam dos pais os métodos de vida sem interferência de terceiros, que lhes dessem uma educação capaz de influir no seu [...] modo de falar, de se conduzirem ou de viverem dentro do próprio lar.

Na sequência, pautados nas obras de Monteiro (s.d e 1988), apresentamos um relato sobre a constituição das localidades de Várzea Grande, segundo os estudos realizados pelo autor.

Passagem da Conceição

Situada na região norte de Várzea Grande, em uma região onde se encontram vários córregos. Na região ribeirinha no limite entre Cuiabá e Várzea Grande, Acorizal e Nossa Senhora do Livramento, se instalou por volta de 1813 o lavrador Manoel Antônio da Conceição, que era conhecido como “Conceição”, ali estava trabalhando com a terra e com o auxílio de uma pequena canoa transportava pessoas para o outro lado do rio quando o procuravam, assim se tornando uma forma de passagem à população, que via ali como uma forma mais ágil de locomoção a Cuiabá.

Assim se tornando a “passagem do Conceição”, nome dado pelo povo que ali passava cotidianamente. Posteriormente, foi construída a igreja de Nossa Senhora da Conceição que consolida o nome do povoado como Passagem da Conceição.

A população era predominantemente negra, assim apresentado vestígios da escravidão que ali existia. Passagem da Conceição com o passar dos anos foi se tornando um povoado mais populoso, onde moravam alguns políticos como Gabriel Curvo e Manoel Venâncio, ambos destacaram-se por lutarem por melhorias para o povoado. Passagem da Conceição pertencia ao município de Cuiabá até o dia 11 de dezembro de 1953, quando pela lei estadual n. 670 passa a pertencer ao território várzea-grandense.

Capão do Negro – Colônia União

No ano de 1937, Abelardo Ribeiro de Azevedo (Belinho) cedeu ao município de Cuiabá as terras que incorporava o Córrego de Areia, Rabelo, Capão do Negro, Lagoa dos Patos e Jacaré, com a finalidade de construir uma colônia de trabalhadores, mais tarde denominada de Colônia União.

Entre 1940 e 1956 recebeu muitas famílias nas terras do Capão do Negro, alojar, delineando uma ocupação irregular, com ruas tortas, sem nenhum planejamento prévio por parte do poder público, para que as ruas ficassem de maneira linear.

Logo após a criação do município em 1948, no ano seguinte a administração municipal doou ao Ministério da Aeronáutica 700 hectares de terras, que faziam parte da área da Colônia União, sendo destinadas à criação de um campo de avião, dando lugar à construção do Aeroporto Marechal Rondon.

Outra desapropriação foi consolidada em 1958 quando o prefeito doa à Igreja Católica uma área de 200 hectares para a construção do Seminário Cristo Rei. Monteiro (s/d.) informa que a Colônia possui um grupo escolar construído em 1962, no governo de Fernando Corrêa da Costa, atendendo ao pedido do deputado Ubaldo Monteiro e do prefeito Napoleão.

Monteiro (s/d.) ressalta que as desapropriações em parte das áreas que pertenciam à Colônia União possibilitaram as construções de interesse do Estado, mas prejudicaram os moradores que ali viviam, pois foram retirados e acabaram por se instalar em outras áreas da cidade.

São Gonçalo

Povoado da margem direita do rio Cuiabá, que tem como origem o ano de 1908, onde passou a residir o garoto Manoel Santos Pereira e seus pais. Somente em 1913, por decreto do Presidente Costa Marques, foi transferida a escola mista que funcionava na margem esquerda do rio Cuiabá.

No final do século XIX foi montada a Usina de São Gonçalo pelo senhor Antônio dos Santos Pereira, que anos depois a vendeu, passando assim a administração por várias pessoas.

Este povoado tinha maior atividade econômica e fluxos de pessoas quando esta usina estava em operação, mas após a desativação este fluxo se tornou menor. Junto às terras de São Gonçalo ficam as do Carrapicho que por muito tempo foi propriedade do senhor Plácido.

Neste pequeno povoado existiam alguns lotes onde se cultivavam alimentos em pequenas quantidades. A presença de solo muito argiloso propiciou a instalação de cerâmicas, com destaque para a fabricação de tijolos. Este povoado não se destaca muito no cenário municipal, apesar de sua importância para a cidade de Várzea Grande.

Guarita

Com início no século XX, nas margens do rio Cuiabá na região norte de Várzea Grande, a Guarita vivia e mantinha sua população do plantio de hortas, cana de açúcar, e do peixe que era retirado do rio Cuiabá, além da fabricação da rapadura de cana de açúcar.

A estrada que ligava o povoado ao centro da cidade era de muito má qualidade. Posteriormente, construiu-se uma nova estrada que ligava a Guarita à Passagem da Conceição e ambas ao centro da cidade de Várzea Grande, além de uma balsa que funcionava irregularmente na locomoção sobre o rio Cuiabá.

Guarita apesar de ser um povoado muito novo, se destaca no cenário municipal, em 1919 foi criada a escola mista na região, que também atendia à população da Passagem da Conceição pela proximidade. Uma das primeiras intervenções do Estado foi na construção de pequenas casas pela Companhia de Habitação Popular de Mato Grosso (Cohab-MT), na faixa ribeirinha às margens do rio, assim os moradores da Guarita tinham fácil acesso a Cuiabá e Várzea Grande possibilitando um maior dinamismo deste povoado.

Engordador

Um dos povoados mais antigos da cidade, é pacato e se encontrava às margens do rio Cuiabá, as casas e famílias que ali moravam eram poucas. O nome Engordador se dava por ser uma área onde se engordava o gado, passando a localidade a ser conhecida como Engordador.

As principais atividades econômicas foram a plantação de pomares de frutas e a pesca no rio Cuiabá. Várias famílias da cidade de Santo Antonio de Leverger passaram a morar no Engordador, uma escola foi construída no povoado e instalada uma seção eleitoral.

Vila de Bom Sucesso

Bom Sucesso é a sede de um dos distritos da cidade de Várzea Grande, que possuía em torno de sete povoações: Bom Sucesso (sede), Souza Lima, Capão Grande, Pai André, Praia Grande, Capela do Piçarrão e Limpo Grande.

Assim Monteiro (s/d., p. 215) descreve o povoado:

Bom sucesso é [uma] faixa de terra na barranca do Cuiabá onde se estendem as casas humildes, formado uma única que se alonga paralelamente ao rio até mil metros [...] As terras do povoado, todas ribeirinhas [...], foram áreas que o cidadão Justino Claro foi adquirindo para formar seu sítio, onde florescem os canaviais, que não só se destinavam ao fabrico da famosa rapadura de Bom Sucesso, como alimentavam os engenhos e alambiques na fabricação de aguardente e do açúcar de barro, tão comum no século passado [XIX].

O autor informa que depois, com o aparecimento das usinas de São Gonçalo e da Conceição, a cana também foi vendida para os engenhos dessas usinas.

Outras atividades que eram realizadas pelos moradores era a pesca, mesmo que modesta era bem administrada em uma cooperativa, também se planta o fumo e a horticultura em pequena escala. Destaca-se em Bom Sucesso a produção de rapadura que é fabricada o ano todo para a comercialização nas feiras do centro de Várzea Grande e Cuiabá.

Em 1908 foi transferida para Capão Grande a segunda escola mista que estava instalada no povoado, em 1920 se transfere para Bom Sucesso a escola rural mista do Sucuri sob decreto do governador Dom Aquino. A fundação de Bom Sucesso é atribuída a dois moradores: o senhor Justino Claro, então proprietário das terras de Bom Sucesso, e Miguel José da Silva que era seu genro.

O povoado de Bom Sucesso não possuía uma capela para a realização de suas celebrações religiosas, assim os moradores se deslocavam até a Capela do Piçarrão, na igreja de Nossa Senhora da Conceição, igreja esta que foi implantada graças à generosidade de Justino Claro, logo em 1968 se constrói a igreja do Divino Espírito Santo que se encontra no povoado de Bom Sucesso.

A igreja do Divino Espírito Santo foi construída com o auxílio dos fazendeiros e as imagens do Divino Espírito Santo e de São Benedito foram “doadas pelo Coronel Ubaldo Monteiro da Silva, que as conduziu de São Paulo, especialmente para aquela igreja, cuja pedra fundamental ele lançou, colaborando na sua construção (MONTEIRO, 1988, p. 99). A primeira celebração foi realizada pelo arcebispo metropolitano Dom Orlando Chaves, que levou da Capital todo o cerimonial religioso.

Habitavam em Bom Sucesso pouco menos que mil habitantes, muitas famílias se mudavam para Cuiabá, mas eram eleitoras na pequena vila. Bom Sucesso não apresentava nenhuma característica favorável à expansão já que possuía muitos problemas de infraestrutura como esgoto e água encanada, além da ausência da energia elétrica, que mais tarde seria instalada na vila.

Capela do Piçarrão

Seguindo a sul do povoado de Bom Sucesso indo em direção ao centro de Várzea Grande se encontra o pequeno povoado de Capela do Piçarrão (na obra o autor grafia como Pissarrão, preferimos optar pela grafia atual), que servia muito para as senzalas dos escravos que, após a abolição, ali permaneceram. O casal de escravos Dona Benedita Pretinha e Antonio Roque construíram um pequeno rancho. Dizem que Benedita caminhava em meio ao capim e encontrou uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, posteriormente, ali se construiu a igreja de Nossa Senhora da Conceição.

A pequena igreja recebia pessoas de toda região da Vila de Bom Sucesso, e assim realizava suas celebrações e festas que contava com a população de Cuiabá e Nossa Senhora do Livramento. A localidade possuía cerca de 800 habitantes e 400 eleitores, apesar da distância de Capela do Piçarrão em relação ao centro de Várzea Grande, no decorrer dos anos, foi recebendo alguma infraestrutura básica para a população.

Capão Grande

Em direção à cidade de Nossa Senhora do Livramento, a oeste de Bom Sucesso se encontra o povoado de Capão Grande, o mais populoso da região, que com o passar dos anos se desmembrou de Bom Sucesso e tornou-se um distrito. Surgiu na estrada que levava os boiadeiros a Poconé passando pela cidade de Nossa Senhora do Livramento, possuía pequenas ruas tortas e poucas famílias.

As atividades econômicas do povoado se caracterizavam a partir da carne bovina, onde o gado era morto e sua carne seca ali mesmo. Em Capão Grande se plantava mandioca e havia a produção de farinha de mandioca. Ali também se fabricava as famosas redes várzea-grandenses. Estes produtos eram comercializados na capital Cuiabá e no centro de Várzea Grande.

No ano de 1915 foi transferida a escola de Bom Sucesso para Capão Grande, que anos depois foi desativada. Anos mais tarde, a localidade recebe outra escola e até uma

escola ambulante. Monteiro (s/d.) destaca que Capão Grande constitui um berço da cultura várzea-grandense, que ali eram realizadas várias festas de santo e as cavalgadas, eventos que a população gostava de prestigiar naquele tempo.

Souza Lima

Uma pequena povoação com apenas cinco casas, que era conhecida como “Sovaco”, por que ali morava um senhor que era conhecido por este apelido, a população aumentou e então passou a se chamar Água Branca. Com a criação do município, a administração municipal com incentivo da Assembleia Legislativa de Mato Grosso decide homenagear um grande médico cuiabano, assim passando o povoado a se chamar Souza Lima.

Há uma pequena igreja na comunidade que, anteriormente, realizava suas missas na Capela do Piçarrão. Em 1914 uma escola é implantada no povoado que anos depois é transferida para São Gonçalo. A dois quilômetros do rio Cuiabá e sem nenhum córrego nas proximidades, o povoado sofria muito nos períodos de estiagem, quando os poços secavam totalmente, então a população se deslocava até Bom Sucesso para encontrar água.

Praia Grande

Esta comunidade situa-se no extremo sudoeste do município de Várzea Grande, na divisa com Nossa Senhora do Livramento, onde se encontra a confluência do pequeno córrego do Ribeirão dos Cocaís com o rio Cuiabá. Praia Grande vivia da pesca no rio Cuiabá e do comércio deste pescado.

Muitas eram as famílias, atualmente conhecidas, que habitavam em Praia Grande, como os Campos, os Pereiras os Lopes de Magalhães e os Lopes de Miranda. Havia um cartório no distrito de Bom Sucesso que foi administrado pelo senhor Paulino Pinto de Godói, anos depois passou a ser administrado pelo senhor Leôncio Lopes de Miranda.

Pai André

Entre os povoados de Praia Grande e Bom Sucesso localiza-se Pai André, nas margens do rio Cuiabá. Os moradores deste povoado vieram em sua grande maioria da cidade de Santo Antonio de Leverger, da outra margem do rio, que permanecia alagada em grande parte do ano, como também as famílias de Praia Grande, Capela do Piçarrão

e Bom Sucesso, formando o povoado. O nome dado ao povoado deve-se a um senhor que morava ali havia muitos anos e se chamava Pai André.

Este povoado era muito movimentado pelas usinas de açúcar que ali existiam, além dos extensos canaviais que as alimentavam. Depois de fechadas as usinas, muitos dos moradores se mudaram para o centro da cidade ou para Cuiabá. Semelhante a Bom Sucesso, Pai André é uma comunidade ribeirinha que possui apenas uma rua às margens do rio Cuiabá, com extensão menor que um quilômetro, existia uma escola que com o passar dos anos e sem o apoio dos administradores acabou.

Limpo Grande

Povoado que inicialmente pertencia a Nossa Senhora do Livramento e com a criação do Município de Várzea Grande, em 1948, passou a fazer parte deste município. O nome foi dado pela região possuir um grande campo desmatado, assim passa a se chamar Limpo Grande.

As atividades agrícolas movimentavam a região e o comércio local vivia à base disto, além também da fabricação das redes.

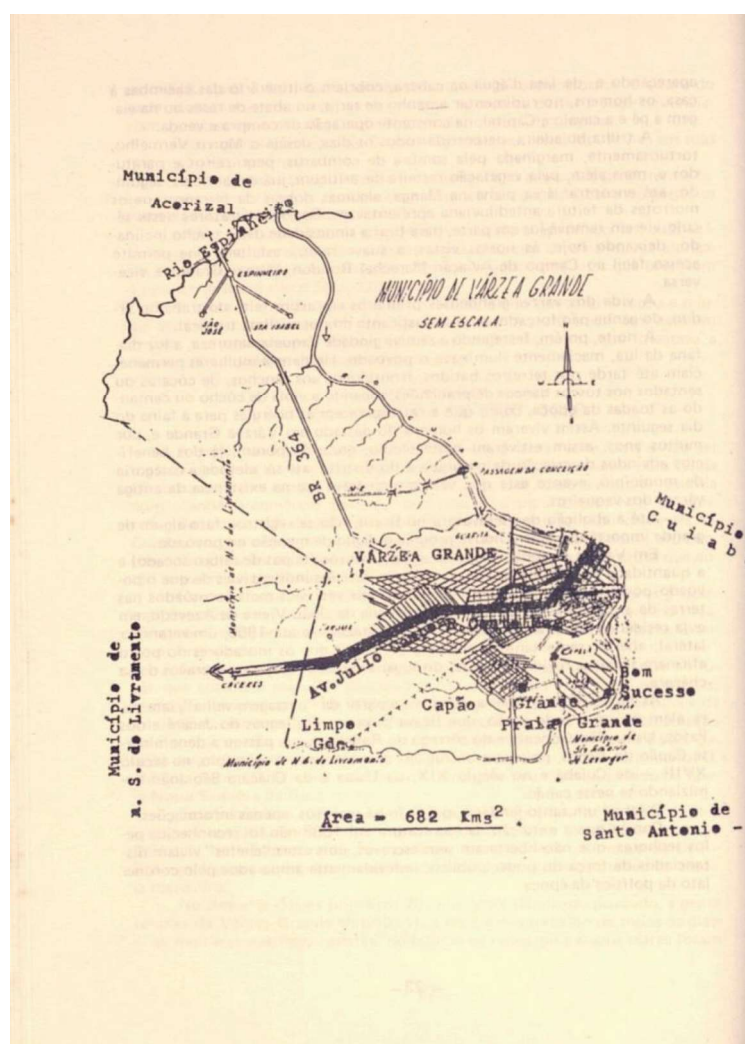
Espinheiro

No limite entre Várzea Grande e Acorizal encontra-se o pequeno povoado de Espinheiro, que possui uma pequena escola, poucas casas e pequenos comércios, uma região mais movimentada pelos que moram em Livramento, próximo à Passagem da Conceição que possui vínculo com este povoado.

VÁRZEA GRANDE DO FINAL DO SÉCULO XX

Após o percurso sobre a formação dos inúmeros povoados em Várzea Grande, Monteiro (1988) desvenda a cidade no contexto da Integração da Amazônia. O autor ressalta que nas últimas décadas do século XX as cidades de Mato Grosso, passam por um acelerado nível de crescimento socioespacial e Várzea Grande se destaca neste processo, fato que acarreta o surgimento dos vários problemas do uso e ocupação do solo desta cidade. A maioria das vilas e povoados se tornaram bairros e na área central da cidade se constroem as residências para as famílias de classe média. Na figura a seguir podemos visualizar parte dessas transformações.

Figura 2: Várzea Grande na década de 1980.



Fonte: Monteiro (1988), p. 24.

No ano de 1978 e 1979, são construídos dois núcleos habitacionais da Cohab-MT, um na área próxima ao Aeroporto Marechal Rondon e outro na região centro sul, denominado de Nossa Senhora da Guia. Estes núcleos foram destinados à população de baixa renda, possuíam o mínimo de infraestrutura como água encanada, energia elétrica, escolas e segurança pública. A formação de um centro é consolidada através dos serviços de saúde oferecidos pelo Pronto Socorro, comerciais e bancários que se estendem nas avenidas Couto Magalhães, Filinto Müller e Alzira Santana, além das escolas Couto Magalhães e Pedro Gardés que se encontram na região central de Várzea Grande.

As transformações dos aspectos urbanos na cidade são nítidas, ruas e bairros são criados para preencher os espaços não urbanizados, a prefeitura cria a Companhia de Desenvolvimento (CODEVAG) no ano de 1973 para lotear as áreas devolutas no

município, assim comercializando e doando estas áreas. Alguns bairros como Jardim América, Planalto, Ipiranga, Jardim Glória e Cristo Rei receberam grande quantidade de famílias que rapidamente construíram suas casas e aceleraram este processo de crescimento. As duas áreas onde se instalaram os conjuntos habitacionais foram alvos de loteamento em áreas vizinhas. A área da Avenida Alzira Santana e do Cristo Rei foram totalmente habitadas.

Segundo Monteiro (1987), entre as décadas de 1970 e 1980 foram implementados mais de cem loteamentos em Várzea Grande. As áreas centrais foram alvo dos visionários que já previam a valorização daquela região, assim adquirindo terrenos e deixando grandes áreas à espera de valorização. Como afirma Monteiro (1988, P. 183):

Apesar desse interesse marcante de lotear as área de arrebalde, existiam os especuladores mais poderosos, retendo terrenos enormes no centro da cidade, ávidos que estavam por maiores lucros, sabendo que a valorização era evidente, tendendo a ser elevadíssima a curto prazo. Eram os capitalistas, os que podiam esperar e que iam emperrando o progresso da urbe, pois sendo mais poderosos, não eram incomodados pelo Poder Público, que devia forçá-los a acompanhar o ritmo de desenvolvimento [...]

A região do Aeroporto Marechal Rondon também passou por mudança com a construção deste complexo que presta serviços a toda a população da região.

Entre os serviços urbanos que Várzea Grande mais necessita está a construção de uma rede de tratamento de esgoto, pois este é um dos maiores problemas urbanos em Várzea Grande.

Alguns dos bairros mais populosos da cidade foram se formando a partir da década de 1960, devido ao alto índice de migração para a cidade entre estes bairros se destacam os bairros Planalto Ipiranga (Atual bairro Ipase), Bairro Jardim Glória e Cristo Rei.

O bairro Planalto Ipiranga se encontra nas áreas próximas ao Aeroporto Marechal Rondon, era conhecido por Água Limpa e após a construção de casas com maior infraestrutura, próximo a este bairro foi implementado um loteamento de nome Ipase, passando toda a área a ser conhecida como Ipase.

O bairro Jardim Glória está na região noroeste da cidade, foi um dos bairros que cresceram na década de 1970, assim com a ocupação irregular, e também com a criação

de loteamentos sobre as terras do senhor Abdala Almeida, deste bairro surgiram outros como Jardim Glória II, Cohab Cabo Michel, Jardim Imperial, Jardim Mangabeiras e Jardim dos Estados que, depois do Cristo Rei, forma o segundo maior núcleo de população na cidade.

Na região leste de Várzea Grande em direção a Cuiabá se encontra o bairro Cristo Rei, que tem suas origens com a construção de unidades habitacionais pela Cohab-MT, anteriormente conhecido como Colônia da União ou Capão do Negro. Na atualidade forma o núcleo de maior população em Várzea Grande, as relações de Cristo Rei com Várzea Grande são poucas já que a proximidade com Cuiabá se torna um atrativo da população a procurar serviços, saúde, educação e estabelecimentos comerciais na Capital.

A região do Cristo Rei deu origem a outros bairros, a exemplo do bairro da Manga que está às margens do córrego do Jacaré, Parque do Lago, Alameda, Cohab Jaime Campos entre outros que compõem a região do Grande Cristo Rei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrendo as trilhas da cidade por meio das obras de Ubaldo Monteiro, tivemos a oportunidade de conhecer as especificidades de cada lugar, suas aspirações, problemas e perspectivas. Vislumbramos o movimento das danças, a paisagem sonora, a beleza das redes que, para o autor, são várzea-grandenses, pois identificam as pessoas do lugar como legítimas produtoras desta importante manifestação cultural de Várzea Grande.

Realizamos breve síntese da riqueza histórica evidenciada nas obras analisadas. Vislumbramos a formação da cidade de Várzea Grande, as transformações e permanências nas práticas culturais, identificamos os contrastes da cidade em tempos mais recentes.

Verificamos que o escritor Ubaldo Monteiro apreciava a vida citadina, fato comprovado pela riqueza de detalhes com que escrevia suas obras, registrando para a posteridade a vida cotidiana, colocando as pessoas no centro das observações, demonstrando seus próprios laços com Várzea Grande.

Nas obras analisadas, o passado é, muitas vezes, retratado sob o olhar dos mais antigos, a história vivenciada pela população, o presente caracterizado pelas transformações na cidade urbanizada, especialmente a partir da década de 1970, e os confrontos que cotejam o passado com o então momento presente.

O portal da Amazônia foca a sua análise no momento político de integração da Amazônia, no qual Cuiabá torna-se o centro de apoio aos planos e programas desenvolvidos pelo governo federal. Nesse sentido, como cidade conurbada a Cuiabá, Várzea Grande também é influenciada por esses processos, passando por significativas transformações na paisagem urbana, favorecendo a especulação imobiliária e a expansão horizontal da cidade com bairros socialmente periféricos com sérios problemas de infraestrutura.

Salientamos que as obras de Ubaldo Monteiro constituem importante acervo para o entendimento de Várzea Grande e por extensão, do estado de Mato Grosso.

Referências

MONTEIRO, Ubaldo. *No portal da Amazônia: 1º século do município industrial de Várzea Grande*. Goiânia: Rio Bonito, s/d.

MONTEIRO, Ubaldo. *Várzea Grande: passado e presente, confrontos. 1867 – 1987*. Cuiabá: Policromos, 1988.